

111

Dia
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Estudantes 87: a luta de hoje é pelo emprego

Perdeu-se a festa, o sentido lúdico que animava a agitação estudantil dos Anos Sessenta. Dantes queria-se a liberdade, hoje quer-se somente um emprego.

Os estudantes hoje não têm prazer em sair à rua a manifestar-se, vão quase por obrigação. Perdeu-se o sentido lúdico das movimentações estudantis dos anos 60. Em 1962, nós contestávamos o regime, lutávamos pela liberdade, pelo direito de associação. A luta dava-nos prazer, transformávamo-la numa festa — recorda a «O Jornal» Carlos Brito Mendes, professor de Psicologia da Faculdade de Psicologia de Lisboa (Letras), 44 anos de idade.

O mesmo professor, estudante da Faculdade de Ciências durante a crise estudantil de 1961/62, entende que existe um grande abismo entre os movimentos estudantis de hoje e os dos Anos Sessenta. Considera que é mais aquilo que os afasta do que aquilo que os une.

Quando os estudantes de Belas-Artes dizem «queremos tudo porque a tudo temos direito»; os de Letras gritam «não ficaremos parados» e os do Secundário anunciam «Vamos desfilar no Carnaval e dizer o que está mal», alguma coisa se agita neste país e nos faz pensar que uma nova crise estudantil se vai abrir e o sistema tremer.

Para trás, ficaram os Anos Quarenta e Sessenta. Muitos dos jovens de hoje talvez nem sequer tenham ouvido falar que nos tempos da ditadura os movimentos estudantis desempenharam um papel decisivo no avanço de ideias e na mudança de mentalidades. Muitos destes 15 mil alunos de Letras acabavam de nascer quando, em 1962, os estudantes batalhavam pelo direito de associação, pela liberdade, contra o autoritarismo, pela eleição do reitor, pela qualidade do ensino e pela participação da mulher na luta.

A realidade era outra, os objectivos de luta eram outros, também o desencanto e o inconformismo se revestiam de formas e de atitudes diferenciadas. Mas, hoje, tal como em 1961/62 ou 1968/9, os estudantes estão decididos a descer à rua, a mani-

Rui Ferreira e Sousa

festar-se em praças e avenidas. Os futuros professores e técnicos abandonam a passividade e proclamam a sua insatisfação face às poucas saídas profissionais que lhes são oferecidas. O movimento surge porque a teça transbordou e não porque haja o desejo de mudança para uma vida diferente numa sociedade diferente. O movimento surge porque estão em causa o emprego futuro, a segurança, a estabilidade.

Existe uma grande maleabilidade táctica

«Em 1962, contestávamos, podíamos ir presos, mas sabíamos que arranjávamos sempre trabalho» — prosseguiu Carlos Brito Mendes. «Havia empregos, saídas. Hoje não. No entanto, há um ponto de aproximação importante entre a luta dos estudantes de hoje e os de 62. É precisamente na maleabilidade táctica que esta luta de Letras está a ter. É tudo muito transparente, com assembleias gerais, meetings. Dá-me a ideia que se vive numa grande democracia. Existem pontos de vista de democracia de massas. E quando

há condições objectivas e o mínimo de subjectivismo, isso funciona bem.»

«Por um lado — acrescenta aquele professor — em 62 a extrema-direita ficou esmagada. Agora, está a acontecer o mesmo.» Segundo Carlos Brito Mendes, a direita é que politiza esta luta atribuindo-lhe um carácter partidário, uma manipulação por parte da esquerda».

Confirmação involuntária desta afirmação é a que faz o ex-dirigente da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, Carlos Lobo, Lista C, afecta à Juventude Centrista, que acaba de perder as eleições com 258 votos a favor da Lista 1 que obteve 1558 votos. Carlos Lobo, 26 anos de idade, aluno do 3º ano de Línguas e Literaturas Modernas, declarou a «O Jornal» que os estudantes «ao atravessarem uma crise de identidade não têm nada a ver com os Anos Sessenta estão a ser manipulados política e partidariamente pela oposição, com vista a criar um clima de desestabilização».

Acrescenta aquele dirigente: «Os estudantes pela primeira vez estão a aperceber-se do país real e a largar o conceito do país espectáculo. Têm vinte e poucos anos, estão sem trabalho e é a partir daí que vem a contestação. Existe uma grande frustração. O sistema educativo em Portugal está doente há uns anos a esta parte, e a situação tende a agravar-se. Pensamos que só através de medidas estruturais de fundo se poderá dar resposta concreta à crise do ensino. Depois de termos estudado a situação, tencionamos entregar ao ministro um caderno reivindicativo respeitante a Letras de Lisboa. Nós liderámos este processo de reestruturação curricular pelo diálogo com os órgãos de Gestão da Faculdade e queremos alertar a opinião pública e entidades competentes para servir os interesses dos estudantes».

O mesmo dirigente associativo disse-nos: «Somos contra esta greve, mas não somos contra uma greve em que entrem

“ *Alguma coisa se agita neste país e nos faz pensar que uma nova crise estudantil se vai abrir e o sistema tremer* ”

Conflito - estudantes